

## APRENDIZAGEM VIRTUAL NO ENSINO MÉDIO: O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ercules Laurentino Diniz.ercules.diniz@hotmail.com(1);  
Maria das Graças de Almeida Baptista. mgabaptista2@yahoo.com.br(1)

*Universidade Federal da Paraíba*

A educação a distância tem se apresentado como uma nova modalidade de ensino. Já não nos surpreendemos quando descobrimos que alguém faz um curso superior sem a necessidade de sair constantemente de sua casa ou mesmo de mudar da cidade onde reside, buscando um curso superior ou uma formação continuada. Tal modalidade tem sido útil à aprendizagem dos mais variados perfis de estudantes e pode desenvolver-se até mesmo por meios informais como é o caso das redes sociais. O presente trabalho apresenta um estudo sobre a educação a distância voltada para a educação básica a partir da utilização do facebook. Levando em consideração a oportunidade de inovação, atualização e aprendizagem virtual, o texto discorre acerca do desempenho dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Honorina Santiago, localizada no município de Santa Rita- PB nas aulas de biologia, a partir da utilização da rede social em questão. Os estudantes foram convidados a participar de um grupo no facebook e assim puderam trocar experiências relacionadas ao ensino de Biologia. Conclui-se que a educação a distância representa uma ótima oportunidade de aprendizagem para estudantes, e ainda que não se processe nos meios mais formais, como a plataforma moodle, é possível desenvolver-se um processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao professor o papel de orientar a navegação on-line de forma a combater questões como a dispersão, bem como, no que diz respeito a proporcionar elementos para que os estudantes passem a transformar a significativa quantidade de informações que recebem em conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação a distância, Aprendizagem virtual, Ensino de Biologia.

### **Introdução**

Podemos afirmar que existe, por parte de professores dos diferentes níveis de ensino da educação brasileira, uma busca por novas metodologias de ensino, um interesse em atingir os seus estudantes por meio de técnicas que tornem o processo de ensino-aprendizagem mais significativo. Porém, até os planos de aulas mais exequíveis esbarram na falta de recursos, de estrutura e de motivação dos estudantes.

Ao pensarmos, porém, na prática docente, somos levados a refletir sobre a sua formação, inicial ou continuada, e como influenciam significativamente na tomada de decisões destes profissionais. A primeira, fornecendo a base teórica e metodológica de sua ação e a segunda, trazendo elementos novos para os professores em atividade. É neste quadro que o Ensino a Distância (EAD) abre um campo de possibilidades.

Sendo tal modalidade útil não apenas ao processo de formação dos professores, mas também como ferramenta com potencial significativo no que se refere ao ensino oferecido aos adolescentes nas escolas de educação básica. Os vídeos, para citar apenas um dos recursos do universo das tecnologias digitais, fazem parte do cotidiano desses estudantes e estudar por meio deles tornou-se uma constante.

Moore e Kearsley (2007) apresentam cinco gerações no processo de desenvolvimento da educação a distância. A primeira geração é a do século XIX, que usa a correspondência como ferramenta pedagógica, possibilitando aos estudantes estudar em casa recebendo os materiais pelo serviço postal, era uma maneira das Universidades estarem mais presentes na comunidade.

A segunda geração surge no século XX, quando a transmissão por rádio e televisão viabilizava a aprendizagem. As transmissões permitiam acompanhar a programação veiculada e aprender sobre os mais diversos assuntos; a TV obteve tem destaque nesse processo, com a criação dos Telecurso na década de 80.

Na década de 60, o autor aponta a terceira geração que, com a integração das tecnologias existentes, cria as Universidades Abertas, instituições autônomas com o poder de conceder seus próprios diplomas.

A quarta geração, nos anos 80, inova com a criação das teleconferências que possibilitavam estabelecer uma comunicação síncrona, em que o emissor envia a mensagem e o receptor a recebe de forma instantânea. Por último, a quinta geração dá-se através do surgimento da internet, permitindo a convergência de texto, áudio e vídeo em uma única plataforma de comunicação.

Atualmente existem plataformas chamadas de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Dentre elas, destaca-se o Moodle, desenvolvido por Martin Dougiamas em 1999, disponibilizado, hoje, em 90 idiomas e mais de 206 países, como apresenta Crivelaro (2010).

No Brasil, Alves (2011) coloca o Instituto Monitor, criado em São Paulo no ano de 1939, como a primeira instituição brasileira a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência. O mesmo trabalho é apresentado, em 1979, na Universidade de Brasília, pioneira no uso de educação a distância, no ensino superior.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, em seu artigo 80, legisla sobre a obrigação do poder público em incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância. Pode-se colocar a EAD, no Brasil, segundo Kenski (2009, p. 6), como “possibilidade de se mesclar e mesmo substituir a oferta de disciplinas até então oferecidas apenas de forma presencial”, e como uma alternativa importante para a resolução da problemática de falta de professores em diversas áreas.

Atualmente, o que vemos é o interessante papel que as tecnologias digitais da informação e comunicação tem exercido na educação mundial e que os professores precisam adaptar-se a tal realidade.

As tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, de modo que, são poucos os que cogitam a possibilidade de viver sem acesso à internet ou sem um smartphone nas mãos. As TVs, dentre outros aparelhos, estão cada vez mais “inteligentes”, tendo as suas funcionalidades aperfeiçoadas tendo em vista não somente sua melhor utilização, como também torná-los obsoletos, em um pequeno período, de forma a incentivar o consumo de novos aparelhos.

Portanto, era de se esperar que todo esse avanço tecnológico chegasse às escolas e ganhasse espaço no campo das atividades pedagógicas, considerando a preparação de novos sujeitos para as novas etapas do desenvolvimento do capital. Dentre os vários recursos, que os adolescentes denominados nativos digitais utilizam com surpreendente habilidade, os smartphones já fazem parte da realidade de muitas pessoas, até mesmo daquelas inseridas em um contexto de baixo poder aquisitivo.

Muitos dos aparelhos criados ao longo da história, já surgiram com um potencial pedagógico explícito, foi assim com o rádio, a televisão e o computador. Atualmente, os celulares também entram nessa lista, cabendo aos educadores adaptá-los às situações de aprendizagem. A internet também tem significativo potencial neste sentido e os ambientes virtuais nela situados têm representado uma revolução na nossa forma de aprender.

Posto isso, faz-se pertinente discorrer a respeito da Educação a Distância, uma vez que, dentre os benefícios advindos a partir da realidade supracitada, encontra-se a possibilidade de estudar sem sequer sair da comodidade do lar. De cursos de curta duração à graduação e pós-graduação, tem-se uma infinita possibilidade de qualificação.

A Educação a Distância atende diversos públicos e tem, para cada um deles, um significado diferente. Para o jovem recém-saído do Ensino Médio - provavelmente um nativo digital - representa a oportunidade de ingressar em um curso superior que explora as tecnologias digitais; para um sujeito que reside em uma cidade situada longe dos grandes centros urbanos, a Educação a Distância pode representar a única oportunidade de chegar ao ensino superior.

É possível ainda pensar na realidade de uma dona de casa, que no acúmulo de suas atribuições pode encontrar tempo e espaço para aprender, bem como no sujeito que já se encontra

inserido no mercado de trabalho e percebe, nessa modalidade, a possibilidade de continuar exercendo as suas funções, algo, na maioria das vezes, incompatível com uma graduação presencial.

Pode-se trazer outros tantos exemplos que demonstram o campo de abrangência da Educação a Distância e seu papel na inclusão, tanto nas situações já expostas até aqui, quanto em ações humanitárias, como no caso de refugiados.

É talvez pelos motivos apresentados até então, que, não por acaso, os números apontam o crescimento significativo da Educação a Distância em nosso país. Segundo dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), o número de cursos passou de 52 em 2003, para 1.200 em 2013, por outro lado, o número de alunos que em 2003 era de 50.000, em dez anos atingiu um milhão de aprendentes.

A Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED (2014) revelou a partir do Censo EAD Brasil 2014, que no ano em questão, o número de estudantes matriculados em cursos regulamentados totalmente a distância, semipresenciais e em cursos livres passava dos três milhões. Por sua vez, dados do Ministério da Educação apontam que entre 2011 e 2012, enquanto as matrículas em cursos presenciais registravam um aumento de 3%, nos cursos a distância o aumento foi de 12%.

Há obviamente preocupação entre os educadores com tamanha multiplicação, uma vez que a massificação, dentre outros aspectos, pode ser um prejuízo ao ensino individualizado. Porém, é impossível negar que a democratização do acesso ao ensino superior teve avanços significativos em virtude da referida modalidade.

Obviamente, é preciso ressaltar que a comodidade não deve ser confundida com ócio, ou seja, é um engano pensar que a vida de um aluno a distância é um mar de tranquilidade e que para concluir um curso na referida modalidade não implique em um necessário esforço. Nesse sentido, torna-se relevante ressaltar algumas das características imprescindíveis ao aluno on-line.

Em primeiro lugar, a otimização do tempo, sendo necessário ter sempre em mente os prazos estabelecidos para a realização das tarefas, podendo ser útil uma agenda para não se equivocar em meio a tantos compromissos. Também é importante ser um sujeito que aprecie o ato de ler, sendo essa uma característica imprescindível, entretanto, muito negligenciada por grande parte dos estudantes, tanto em cursos a distância, quanto presencial. No caso do aluno on-line, diante da multidão de informações encontradas na internet, é imprescindível despertar o senso crítico e selecionar o que de fato interessa no processo de ensino-aprendizagem pelo qual o mesmo está passando.

Por último, a lisura, uma vez que, a apropriação indevida da produção de outra pessoa constitui um crime, infelizmente muito praticado nos cursos a distância (mas, insisto, não somente neles). Denominada de plágio, tal atitude, além de infringir regras, leva o estudante à significativa fragilidade no aprendizado, uma vez que, copiando e colando (“control C, control V”), não está sequer processando a informação contida no texto consultado.

A execução de projetos nas escolas de educação básica torna-se uma prática cada vez mais comum. De maneira geral, nós professores nos vemos desmotivados a desenvolver atitudes que ultrapassem a simples ministração de uma aula, uma vez que os problemas são muitos, aqueles conhecidos por todos, baixos salários, falta de interesse dos alunos, etc.

A pedagogia dos projetos trabalha com a lógica de um sujeito participativo, um aluno que aprende fazendo, diferente das aulas como estamos acostumados, onde ao aluno restringe-se o papel de ficar sentando, ouvindo tudo que é dito pelo professor, esta pedagogia prega uma constante interação entre aluno, professor e objeto de aprendizagem. Segundo Freire (1996, p. 71) “o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo”.

Os seres vivos são seres auto-organizadores, que não param de se auto-produzir e, por isso mesmo, dependem energia para manter sua autonomia (Morin, 2012). Essa autonomia não será construída ou desenvolvida se o aluno continuar sendo apenas um mero telespectador.

A educação a distância tem se apresentado como uma nova e eficiente modalidade de ensino. Já não nos assustamos quando descobrimos que alguém faz um curso superior sem a necessidade de sair constantemente de sua casa ou mesmo de mudar da cidade onde nasceu e mora para outra onde haja um curso do seu agrado.

Essa modalidade de ensino já está bastante disseminada no ensino superior, porém as experiências com ensino médio ainda apresentam-se muito tímidas. Os alunos da educação básica, são em sua grande maioria inquietos, não suportam mais ficar ouvindo um professor falar por horas e horas, em um ensino nestes moldes tradicionais, são muitas as ocasiões em que eles não se sentem participantes do processo de ensino-aprendizagem.

O facebook é um ambiente no qual todos se sentem muito a vontade, conectados, eles não têm o menor problema em ficar horas curtindo, comentando, compartilhando, e nós professores ainda compartilhamos da ideia que tal comportamento consiste em desperdício de tempo, mas podemos ajudar a pelo menos melhorar esse quadro.

O presente trabalho teve por objetivo, portanto, promover nos estudantes, uma prática de adaptação a novos ambientes de aprendizagem, onde, para além da sala de aula, os mesmos

tivessem oportunidade de permanecer em contato com o professor da disciplina de biologia, passando a usufruir dos benefícios do atendimento on-line.

### **Metodologia**

O trabalho foi realizado com quatro turmas do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Honorina Santiago, localizada no município de Santa Rita-PB. Em um primeiro momento, foi criada uma página no facebook e o endereço passado aos alunos, valendo salientar que só passaram a participar, os estudantes interessados, não sendo punidos aqueles que não optaram por ficar conectados.

Em outra etapa, foram postadas as primeiras postagens, que inicialmente consistiam em atividades simples e aumentaram a complexidade ao passar das semanas. Tais atividades foram feitas em grupo e posteriormente discutidas em sala de aula com o auxílio do professor, sendo o estudo das células, um dos mais debatidos.

O terceiro momento, foi dedicado à elaboração e aplicação de um questionário que buscou dos alunos uma avaliação das experiências vivenciadas em um ambiente virtual de aprendizagem e a partir daí, passou-se a constatar a motivação dos estudantes pelo fato de estarem aprendendo por meio de uma rede social intimamente associada ao uso recreativo.

### **Resultados e Discussão**

O uso do facebook por parte dos alunos tem preocupado muito a nós professores. Há muitos comentários em nossas conversas a respeito dos alunos que chegam às aulas, apresentando um cansaço, como de alguém que não teve uma boa noite de sono, ou mesmo comentando as conversas que ficaram pela metade na noite anterior no mundo virtual e agora, na sala de aula serão concluídas.

O uso parece que nunca acontece para algo proveitoso, é sempre para narrar as baladas, tecer comentários maldosos, publicar cenas indevidas nos murais dos outros, entre outras coisas.

Tendo também ciência de uma prática comum entre os nossos alunos que é a do uso dos livros e cadernos apenas em sala de aula, de tal forma que não há continuidade do que é estudado em suas respectivas casas, a possibilidade de estudar utilizando o facebook apresenta-se como uma excelente opção.

Sendo assim, a execução do presente projeto possibilitou o uso do facebook de uma forma mais significativa ao processo de ensino-aprendizagem. De modo a fazê-lo uma ferramenta de

educação a distância, uma extensão da sala de aula, onde os alunos puderam interagir a respeito do tema abordado presencialmente.

## Conclusão

Estimular os alunos ao bom uso das redes sociais; Incentivar a prática da aprendizagem colaborativa; Familiarizar os alunos com termos científicos foram algumas das conquistas alcançadas a partir da execução do presente projeto. Para muitos, o facebook não pode servir para fins pedagógicos, estes vão sempre enxergar apenas o lado lúdico desta ferramenta, imaginando que uma rede social serve somente para que os adolescentes curtam, comentem e compartilhem informações da menor importância, mas é sabido, que as plataformas como o *moodle*, apresentam um caráter muito formal, que pode não ser atrativo a adolescentes, comprometendo assim o aproveitamento dos cursos ministrados nestes espaços.

Diferente disso, nas redes sociais, os jovens podem se sentir mais a vontade e tornarem-se mais participativos, sem que se quer percebam que estão tendo uma aula sobre assuntos pouco atrativos, e ainda assim estarão se capacitando e absorvendo o conteúdo trabalhado.

Na educação básica, são vários os professores que já se utilizam desse meio para servir de apoio aos momentos presenciais. Havendo a possibilidade da criação de grupos, o professor torna-se um administrador de uma “sala” virtual e ao deixar o espaço físico onde experimentou o momento presencial com os estudantes, ele pode, mesmo estando em casa ou em qualquer outro lugar, mediar conversas pela rede, orientando o seu aluno em momentos de discussão sobre os assuntos que pretende abordar.

Obviamente o professor precisa exercer o seu papel de orientador, que não diverge daquele exercido na sala de aula presencial, a questão é de adaptar-se aos novos espaços de aprendizagem.

## Referências

ALVES, L. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. *Associação Brasileira de educação a distância*. Vol.10. 2011. Disponível em: <[http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista\\_PDF\\_Doc/2011/Artigo\\_07.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf)>. Acesso em: 05 nov. 2015.

BRASIL. *Lei 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CRIVELARO, L.P et al. O comportamento do aluno em um curso a distância dentro do ambiente Moodle: contrapontos entre a ótica inicial e seu uso atual. *Ambientes virtuais de ensino-aprendizagem*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, V. M.. O desafio da educação a distância no brasil. *Revista Edu Foco*. Disponível em <[www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/011.pdf](http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/011.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MOORE, M. G; KEARSLEY, G. Educação a distância: uma visão integrada. Edição especial *Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED*. São Paulo: Thomson Learning, 2007. Disponível em: <<http://joamattar.com/blog/2007/09/21/a-educacao-a-distancia-uma-visao-integrada/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

MORIN, Edgar, 1921 – *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. – 20ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 128p.